



BRASIL-HAITI

101 HISTÓRIAS. UMA ESPERANÇA.




garimpo
EDITORIAL

São Paulo

SUMÁRIO

Os textos estão apresentados por ordem alfabética pelo nome do autor

Apresentação	
por Greg McQueen	13
por Ricardo Costa	15
Prefácio	
Um homem ordinário em Porto Príncipe	
Carlos Nomoto	19
1. Expansão	
Alasdair Stuart	23
2. Bocas-de-leão	
Alex Irvine	25
3. O arqueólogo	
Andy Parrott	27
4. Ortodoxia católica	
Angela Dutra de Menezes	28
5. Carta ao Seixas	
Antonio Carlos Secchin	30
6. Justiça para Cody	
April L. Hamilton	34
7. Tom Jones conhecia minha mãe	
Barry Cooper	36
8. Seis haicais	
Ben-Edy	38
9. Véspera de Natal	
Billy O'Callaghan	39
10. Om	
C.S. Soares	41
11. E a primeira nota cantou	
Catriona Gunn	45
12. Piada de mau gosto	
Charlie Taylor	47

13. O sorvete de Marco	
Clare Reddaway	48
14. Anna e Dezenove	
Claudia Boers	51
15. Necronologia	
Claufe Rodrigues	52
16. Impacto	
Dan Powell	55
17. Clubes e sociedades	
Deborah Fielding	55
18. À espera de Sarah	
Elaine Everest	57
19. Call Center	
Elizabeth Reeder	60
20. Listas	
Elomar Jardim	61
21. Um aviso: Enohn Jarrow	
Emily George	62
22. O que é o amor, Berenice?	
Felipe Pena	64
23. Nesta data querida	
Fernando Alves	66
24. Dragões	
Fionnuala Murphy	70
25. O encontro	
Francesca Burgess	72
26. Os livros do Ariclenes	
Galeno Amorim	75
27. Lar	
Gillian Best	79
28. A surfista	
Glynnis Scrivens	81
29. Manhã	
Greg McQueen	84
30. O jardim	
Gwen Grant	87

31. Variações sobre a praga do caramujo Henrique Rodrigues	91
32. Pronta ou não, aqui vou eu Jac Cattaneo	94
33. Memórias Jack O'Donnell	96
34. A solução do leigo ao acaso versus o enigma final, ou Como dois homens perderam o sono e outro dormiu Jane Roberts	98
35. Soco depois de soco Jane Thomas	99
36. Contato Jason E. Thummel	100
37. Um belo esporte Jean Blackwell	103
38. O último ônibus para Montreal Jenna Wallace	105
39. Os garotos são gente boa Jennifer Domingo	107
40. Uma cura milagrosa Jim Harrington	110
41. O anel da verdade Joanna Campbell	112
42. Fly Me to the Moon João Gabriel de Lima	114
43. O homem no olho do homem João Montanaro	117
44. Mr. Trick Joel Willans	121
45. A pedra de Emily Julia Bohanna	123
46. O novo bicho de estimação de Jeremy Justin Stanchfield	125
47. O teorema da minha mãe Katherine Spink	127

48. Autoridade	
Katy Darby	128
49. Eis o que é preciso fazer	
Kirsty Logan	129
50. Aves da mesma família	
Lauri Kubuitsile	130
51. O esquecimento	
Layla O'Mara	132
52. A esotérica	
Lúcia Bettencourt	135
53. A bruxa do Guaporé	
Luis Eduardo Matta	137
54. Atendendo a uma emergência	
M.C.M.	141
55. Uma história da ilha	
M.G. Farrelly	145
56. O último garoto da terra	
Maire Cooney	148
57. Um cartão para Joana	
Marcelo Moutinho	149
58. O tempo decorrido regressa a um nada tubular	
Márcio-André	151
59. Lola gosta de amar	
Martin Reed	152
60. Dança indígena	
Martin Tyrell	153
61. Torta de maçã e raio de sol	
Mary Walkden	155
62. Betsy Fudge e o Grande Silêncio	
Maureen Vincent-Northam	158
63. A dor oficial	
Mauro Ventura	161
64. A dona da casa	
Menalton Braff	163
65. Questão de tempo	
Mo Fanning	165

66. A medicina como uma causa	
Moacyr Scliar	169
67. Como é errado o meu passado correto!?!	
Monica Pocker	170
68. Pensamentos fugazes	
Nadene Carter	172
69. O dia do tudo ou nada	
Nick Harkaway	176
70. Voltando à Terra	
Nicola Taylor	180
71. Juno e a capa amarela	
Nuala Ní Chonchúir	183
72. Os ETs de Sampalok	
Omar de Souza	184
73. Fuga de Creta	
Ozzie Nogg	190
74. Jornada de esperança	
Pam Howes	191
75. Uma crônica sobre rostos de mulher	
Patrícia Sotello	194
76. Ficar	
Patti Jazanowski	196
77. Mensageiro	
Peter Morin	197
78. A escada de Jacó	
R.J. Newlyn	200
79. O bebê	
Rachel Shukert	201
80. O dia em que parei de fumar	
Ramon Mello	204
81. Adoro corações femininos	
Raymundo Silveira	206
82. A paixão de Désirée	
Roberto Muggiati	209
83. Remodelando o passado	
Rosemary Gemell	211

84. Sessenta anos juntos	
Ryan Spier	213
85. O dragão das nuvens	
Sarah Ann Watts	214
86. A vida (não) tem liquid paper	
Sergio Pavarini	215
87. Maior que a vida	
Sherri Turner	217
88. Distância ampliada	
Siân Harris	219
89. Corte&Costura	
Sidney Rocha	221
90. Voo sobre a cidade	
Simone Magno	224
91. Haiti antes do terremoto	
Susan Partovi	226
92. Canalizando tristezas	
Sylvia Petter	233
93. Canecas	
Tania Hershman	234
94. Cuatro piernas y um corazón... partido	
Teresa Cristina Abreu	235
95. Desencanto	
Teresa Stenson	237
96. Conversa no closet	
Tim Maguire	238
97. Esperança em um canto estranho	
Tony Cook	239
98. Jantar para dois	
Trevor Belshaw	242
99. Caminhos que se abrem à tarde	
Valéria Martins	244
100. Um nome de sorte	
Vanessa Gebbie	246
101. As vantagens de estar em um deserto	
Virgínia Martin	249

APRESENTAÇÃO

por Greg McQueen

HÁ APENAS CINCO ANOS, um pequeno grupo de pessoas conhecia o Facebook, que tinha então um ano de idade, e o Twitter nem existia. Hoje, é impossível comprar um smartfone sem algum aplicativo para Facebook ou Twitter e essas duas redes sociais se tornaram parte essencial das vidas das pessoas.

Como declara a *Wired* – uma revista norte-americana sobre tecnologia – em sua campanha pelo Prêmio Nobel da Paz para a Internet: “A internet é muito mais do que uma rede de computadores. É uma rede interminável de pessoas. Homens e mulheres de todas as partes do mundo são conectados uns aos outros graças à maior interface social que a humanidade já viu.”

Comecei o livro *100 Stories for Haiti* sozinho. Preocupado, nervoso e, para ser franco, apavorado com a possibilidade de que a ideia fracassasse. Eu esperava ajuntar uma centena de histórias para publicar um e-Book, na esperança de levantar algumas centenas de dólares – basicamente dos próprios autores que comprariam alguns exemplares.

Minutos depois de postar meu apelo à “Querida Twittersfera”, e-mails e tweets começaram a chegar. Ao final do primeiro dia, eu tinha mais de cem histórias e ofertas para produzir o livro impresso. Cerca de uma semana depois, quando se aproximava a data-limite para o envio das histórias, já eram mais de quatrocentas e o projeto já envolvia centenas de escritores, editores e profissionais da área editorial – além de blogueiros, twitteiros e “facebookeiros” – doando seu tempo para fazer o projeto dar certo.

Não é a toa que a Internet está sendo indicada em 2010 para o Prêmio Nobel da Paz. *100 Stories for Haiti* não existiria sem a Internet. Sem a infundável rede de pessoas apaixonadas pela cultura digital. Pessoas que viram as imagens do desastre e atenderam a um apelo online para ajudar.

APRESENTAÇÃO

por Ricardo Costa

AINDA ANTES DE O LIVRO ficar pronto, Greg contou sua história no PublishingPerspectives – site norte-americano sobre livros e literatura. E, na minha leitura matinal (recebo as matérias desse veículo diariamente no meu e-mail), conheci sua aventura literária. Em menos de 24 horas, por e-mail, Twitter e Skype, o livro já tinha possibilidade de ser produzido no Brasil.

Depois de mais algumas mensagens trocadas com Greg, na Dinamarca, e com Marcelo Gioia, que nesses dias estava em Israel, já estava tudo certo para publicar o livro no Brasil. E até os originais (que um dia foram chamados de manuscritos) já estavam em nossas mãos. Começou o trabalho de produção da versão em português.

Infelizmente, enquanto o pessoal trabalhava na tradução, outra tragédia tomou conta dos noticiários online: a tragédia das chuvas no Rio, que culminou com o desabamento do Morro do Bumba, em Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro.

A notícia do *100 Stories for Haiti* já havia sido publicada no PublishNews. Não demorou muito e o escritor Claudio Soares sugeriu que o livro também auxiliasse os atingidos pela tragédia no Rio. Quase instantaneamente, a editora topou e logo tínhamos mais de 30 autores brasileiros selecionados e incluídos no livro, que então passou a ser Brasil-Haiti. 101 Histórias. Uma esperança, que terá 100% de sua renda enviada para a ONG Visão Mundial, que distribuirá os recursos igualmente entre as tragédias brasileiras (Rio, Alagoas e outras) e do Haiti.

E aqui estão 101 histórias que começaram sua saga no mundo virtual, mas que querem – e vão – fazer diferença no mundo real. Histórias feitas por

peessoas reais, conectadas por infinitos pontos da rede mundial, que nasceu rede de computadores e cresceu rede de “gentes”.

Embora o assunto não esteja mais no cotidiano midiático, a necessidade de reconstrução ainda é real. A necessidade de ajuda estará presente por muito tempo.

O processo todo de produção aconteceu em regime de voluntariado. Os autores, famosos ou não, a editora, os tradutores, os revisores, as diagramadoras, as gráficas e as distribuidoras e livrarias. Agora, é a hora dos leitores!

Algumas tragédias até podem ser evitadas (muitas não podem). Mas todas podem ser socorridas e auxiliadas por pessoas engajadas de todos os cantos do mundo.

Todos os autores brasileiros e estrangeiros abriram mão de seus direitos autorais em favor das vítimas das tragédias no Brasil e no Haiti.

PREFÁCIO

UM HOMEM ORDINÁRIO EM PORTO PRÍNCIPE

Carlos Nomoto

AQUI ESTOU, DENTRO DO AVIÃO, na classe executiva, em Miami, aguardando a decolagem para Porto Príncipe. Meio contraditório ir a um país tão pobre na classe executiva. Tenho uma boa desculpa: não tinha vaga na classe econômica. A vantagem é que posso observar todas as pessoas que entram neste voo. Acreditem, parecem pessoas normais. Ninguém está sorrindo ou chorando. Estão simplesmente entrando no avião. Ninguém com ar de intelectual, ninguém vestido com uniformes do mundo corporativo, terno ou *tailleur*. Uns 60% dos passageiros são negros. Em geral, poucos jovens. Reabriram o aeroporto de Porto Príncipe nesta semana.

Que bom ver esse voo lotado! O mundo pode mudar a partir de pessoas normais. Por que estou indo para o Haiti? Porque achei que deveria ir. Sou um homem normal, ordinário: trabalho como bancário, tento dedicar tempo para meus dois filhos, saio para jantar com minha esposa uma noite por semana, vou à igreja aos domingos. Um amigo fez o convite para acompanhá-lo nessa viagem ao Haiti. Simplesmente, aceitei.

As primeiras horas em Porto Príncipe não poderiam deixar de ser emocionantes. Já voando baixo, conseguimos ver milhares de barracas e os comboios das Nações Unidas. As comissárias de bordo correm para as janelas para ver a situação. Esqueça as esteiras de malas. Meia dúzia de funcionários do aeroporto arrasta as malas até um saguão abafado e cheio de gente. O exército norte-americano está controlando o aeroporto. Agora tenho um carimbo do Haiti no meu passaporte. Chiquérrimo.

Alguns sinais positivos, pelo menos a meu ver: muita gente vendendo coisas e alimentos nas ruas, muitos carros e *tap-taps*, o nome das caminhonetes adaptadas para transportar passageiros pela cidade. Há movimento, mobilidade. Celulares por todo lado e barraquinhas que fazem recargas a dois dólares nas esquinas.

Saí do Brasil como o detentor de uma grandiosa missão humanitária que mudaria a história de dezenas de pessoas: montar barracas para os desabrigados. A vida como ela é: as barracas não chegaram...

Nesses lugares, a gente não deve se estressar; sempre haverá alguma coisa para se fazer. Nem que seja conversar com as pessoas, levar alguma palavra de conforto ou apenas se divertir junto com elas, aprendendo *crioulo* — o dialeto local — e ensinando palavras em português. Os haitianos que estou encontrando são muito simpáticos, gostam e aprendem rápido outras línguas. Para comprar um refrigerante de um jovem ambulante, começamos a conversar. Digo que sou brasileiro. Ao fim de nossa transação comercial, agradeço em português: “Obrigado”. E para minha surpresa, ele responde: “Valeu!” Não posso resistir e ensino uma gíria paulistana: “É nós, mano!”

Logo observo a destruição provocada pelo terremoto que derrubou de 30% a 40% dos edifícios e das casas de Porto Príncipe. Um bairro chamado Bel Air caiu quase todo. As pessoas dormem em barracas por três motivos: porque suas casas foram destruídas, porque as casas estão sob risco de desmoronamento ou porque têm medo de dormir dentro da própria casa. Eu também teria.

A maioria dos prédios onde funcionavam escolas desmoronou. E nas poucas escolas ainda de pé, as crianças não querem ir para as aulas com medo de novos desabamentos. Há centenas de corpos embaixo dos escombros. Não existem *bulldozers* suficientes para retirar os entulhos. Em alguns locais, o cheiro é muito forte.

Em situações como esta, vemos o que há de pior e melhor na natureza humana. Alguns se aproveitam da situação: pegam alimentos e barracas doadas e vendem. Uma barraca pode chegar a valer 500 dólares no mercado paralelo. Mas o que está me impressionando é o nosso lado bom: dezenas de organizações de ajuda humanitária estão no Haiti. Grandes, como a dos Médicos sem Fronteiras e Cruz Vermelha, e pequenas, como as de meia dúzia de estrangeiros brancos vestindo camisetas com frases como: “Help Haiti” e coisas

assim. Há tecnologias para purificação de águas e energia solar. As Nações Unidas estão fazendo um belíssimo trabalho, sob a coordenação do exército brasileiro. Conheci o coronel Azevedo, o único sobrevivente entre militares que estavam dentro de um prédio no momento do terremoto. Deus continua firme no propósito para a vida do coronel Azevedo, que ainda brinca: “Das sete vidas que Deus me deu, já queimei quatro.”

Visitei a catedral onde Zilda Arns nos deixou. Não pude conter a emoção. Não posso escolher como morrer, mas, se pudesse, gostaria de deixar esta vida como ela, cumprindo a sua missão. Entretanto, posso escolher como viver. Então, escolhi viver como ela. Simplesmente, fazendo aquilo que acredito que deve ser feito para que a humanidade seja melhor.

Há algum tempo, decidi ser um discípulo de Jesus Cristo. Eu vim ao Haiti porque acredito que Jesus Cristo teria vindo para cá se estivesse fisicamente no planeta Terra. Acredito que Zilda Arns também acreditava nisso. E o coronel Azevedo também acredita nisso. E encontrei aqui dezenas de pessoas que acreditam nisso. Onde estão os ateus e os céticos nesta hora? Se eles estão aqui, não constituem a maioria. E eu não consigo imaginar que tipo de esperança eles poderiam oferecer a quem perdeu a casa, a família e o sustento de uma só vez.

Conversei com militares, clérigos, comerciantes, médicos, brasileiros, norte-americanos, haitianos, homens, mulheres e crianças. E não encontrei o ceticismo tão presente entre aqueles que comem três vezes ao dia, possuem mais de dois carros na garagem e uma previdência privada polpuda. Eu vivo no meio destes a maior parte do ano. Talvez seja mais fácil duvidar da existência de Deus quando estamos com a barriga cheia. Desculpem-me por minha sinceridade.

Conversei com um casal que perdeu um filho, a casa e o trabalho. Disseram para mim: “Jesus prometeu que cuidaria dos seus filhos, então ele vai cuidar de nós. Ele foi amoroso conosco porque poderíamos ter morrido todos, mas estamos vivos e podemos continuar acreditando nele.”

Voltei para o meu assentamento envergonhado. Perco a paciência por causa de uma vaga de automóvel no *shopping*. Quase blasfemo contra Deus quando perco um bom negócio. Fico ansioso para saber quanto será o meu bônus anual. Morro de raiva daquele cara que tentou me “passar a perna” no trabalho. A vida moderna cria a ilusão de que estamos nos tornando seres

melhores e maiores. Então, por que estamos dando mais atenção a coisas tão pequenas?

Este tempo no Haiti está sendo um retiro espiritual para mim. O trânsito é caótico, comparável ao de São Paulo, a capital. Água potável, só em garrafas industrializadas. Durmo em uma barraca bastante confortável, ao lado de um galo maldito que começa a cacarejar às três da manhã. Há muita gente perambulando pelas ruas porque não têm o que fazer. Em meio a tudo isso, mais uma vez, aprendi a dar importância àquilo que é importante.

Já estou de volta ao Brasil. Montei uma única barraca lá; não resolveu o problema de muita gente. Mas pude conhecer alguns líderes haitianos e vamos tentar viabilizar algum projeto. Finalizo esta reflexão dentro de minha rotina. Vou continuar tomando bons vinhos de vez em quando, indo a restaurantes com a família, andando de moto com os amigos, trabalhando muito no banco, que é o meu campo missionário atualmente.

Mas todas essas coisas estão de volta a seus devidos lugares. Como notas musicais, elas compõem a minha vida, mas não dão o tom. Eu existo porque Jesus Cristo quis que eu existisse, e o propósito maior é ser como ele. Fazer o que ele faria, ir aonde ele iria, decidir como se ele estivesse decidindo. Isso não faz de mim uma pessoa especial. Nem melhor do que os outros. Apenas me deixa mais tranquilo, confiante e disposto a levar a sério a decisão que tomei de ser um discípulo de Jesus Cristo em qualquer lugar deste planeta. Em São Paulo, em Caruaru ou Porto Príncipe.

Em tempo: assumi um compromisso pessoal de divulgar duas organizações todas as vezes que eu falar sobre o Haiti: SOS Global AME — Associação Missão Esperança, pela qual eu fui ao Haiti. E as Nações Unidas, sob o comando do Exército Brasileiro, que, após o terremoto, até o mês de março de 2010, distribuiu 3,4 mil toneladas de alimentos, 300 mil litros de água potável, 26 toneladas de medicamentos, 1,5 mil barracas, mil colchonetes, 4 mil sacos de dormir e 6 toneladas de roupas.

EXPANSÃO
Alasdair Stuart

“COLOQUE DE NOVO.” Três palavrinhas que mudaram tudo. O que ela nunca contou a ninguém, nem aos pais nem mesmo à sua melhor amiga, é como ela chegou perto de se livrar daquilo. Era manhã de segunda-feira, ela estava cansada, havia cometido um erro. Ela tinha de cometer um erro.

Na tela de Alan, a expansão de Leeds saltou à vista. Havia quatro meses que eles procuravam pacientemente por cada pedacinho da Inglaterra — centenas de milhares de fotos de satélites e aviões. Em seu primeiro dia, ela ouvira dizer que o termo técnico para fotos aéreas era *aerofotografia*, e aquilo a deteu de repente. Uma palavra bonita para um emprego admirável. Ela se sentiu orgulhosa de ir ao escritório naquele dia. Dois anos depois, porém, estava cansada, de ressaca e, Deus, se ela esquecesse...

— O que é?

Ruas, árvores, campos e... ruas. Ela pediu a Alan que colocasse de novo a imagem e ajustasse o foco para caber tudo. Em seguida, respirou fundo e disse a si mesma que não ficaria doente.

— Puxe a atualização anterior, as mesmas coordenadas. Não fale nada.

Fechando a cara, Alan obedeceu. Ela ficou olhando, não para a tela, mas para o semblante dele, conforme as duas imagens apareciam, uma ao lado da outra. Ela viu o dreno. Viu os olhos arregalados.

— Que inferno!

— É exatamente assim que me sinto.

— Que INFERNO! Jo, o que estamos...

Ela ergueu um dedo.

— Alan, você parece doente. Por que não senta aqui na sala, perto de mim? Agora.

• • •

Carolyn, de Rudloe Manor, era baixinha, atarracada e ria muito. Ela tinha um ar maternal e Jo suspeitava que era por isso que tinha pegado aquele

emprego. Vá e converse com os malucos, acalme-os, tome o chá, faça com que assinem o Decreto do Sigilo Oficial e depois saia correndo. Carolyn parou de sorrir quando Alan lhe mostrou as fotos. O ar maternal foi substituído por algo mais duro, contundente.

— Alguma resolução?

— Quinze metros.

— Tempo entre eles?

— Seis meses.

— Já contou a alguém?

— Não, senhora.

E o sorriso voltou.

— Bom.

Ela tirou dois envelopes de sua pasta.

— Assine aqui, depois me mostre onde fica o escritório de seu chefe. Vamos dar uma volta.

• • •

— Item 1: há seis meses, esta era uma área rural a oeste de Leeds.

Em seu uniforme, Carolyn permaneceu séria, a fotografia projetada sobre ela e além, em uma tela do tamanho da parede.

— Item 2: a mesma área, ontem.

A foto mudou e, de repente, Carolyn foi envolvida pelo cinza da expansão urbana, seu rosto transformado em um mosaico de telhados.

— Cem anos de crescimento urbano em seis meses. Por quê?

Geralmente, Alan ficava quietinho diante do Comitê de Inteligência, mas Jo estava orgulhosa por ele naquele dia.

— Índios da América.

Carolyn, com o sorriso maternal de volta.

— Perdão?

— Índios da América. Quando Colombo chegou, os índios da América não conseguiram reconhecer os navios. Não tinham o vocabulário mental.

— E para que nos serve essa informação?

Jo se antecipou para explicar.

— É camuflagem. Como misturar tudo isso? Você se torna aquilo que o

cerca, parte do panorama. Você aprende sobre um lugar... se tornando parte dele.

O telefone tocou, embora não devesse. Uma rede de dedos eletromagnéticos, ágeis, rápidos e invisíveis os havia rastreado. O futuro tinha descoberto o número de telefone deles e agora estava ligando.

— Coloque de novo.

— Você aprende sobre um lugar... se tornando parte dele.

Em seguida, uma cacofonia de buzinas e rádios de carro, cachorros e gatos, conversas e ventos entre árvores e frituras e crianças rindo e andando de bicicleta, tudo se misturou cada vez mais até o som se tornar um só; fragmentos de um todo muito, muito, maior. Cada um dizia a única coisa que podia e a última que qualquer pessoa poderia esperar.

— Olá, meu nome é Expansão. Gostaria de me tornar parte da cidade.

BOCAS-DE-LEÃO

Alex Irvine

2

O QUE ACONTECEU EM SEGUIDA foi... bem, não... na noite anterior, eu estava do lado de fora, na varanda da frente, tomando uma cerveja e tentando olhar para o céu, uma daquelas noites em que as estrelas... a lua e Vênus juntos pareciam com a bandeira da Turquia. Havia uma ferramenta de jardinagem qualquer em um degrau da escada, uma espátula ou coisa assim, e parei para pensar nela, e aquilo me fez lembrar de que eu havia prometido a ela regar as bocas-de-leão. Mas a hortelã, a maldita hortelã, estava crescendo por todos os lugares, e as bocas-de-leão estavam mortas havia semanas.

Troquei meu carro por aquela caminhonete e 4 mil dólares, tudo por mais de 150 mil quilômetros a mais e uma viagem que mais parecia em uma carroça. Mas era a América, certo, e se você não pode desperdiçar algum dinheiro em uma caminhonete... eu adorava aquela caminhonete. Era toda azul, a não ser nas partes enferrujadas, e puxava bastante para a esquerda, quando a gente pisava no freio, e a tração nas quatro rodas rangia que parecia um pesadelo.